



DEAMBULAÇÕES EM TORNO DO PROCESSO CRIATIVO DA EXPOSIÇÃO "ANTES DO MEU PRIMEIRO ADEUS"

WANDERINGS AROUND THE CREATIVE PROCESS OF THE EXHIBITION "ANTES DO MEU PRIMEIRO ADEUS"

Alisson Clebson Nogueira Siqueira¹
Universidade Federal de Pernambuco, UFPE - CAC

RESUMO

O texto propõe revisitar antigas e agregar novas reflexões em torno do processo de criação da exposição "Antes do meu Primeiro Adeus", 2022, que aconteceu na UNIVASF-Juazeiro-BA, enquanto componente do meu trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Artes Visuais. Este artigo, como o próprio título propõe, é um exercício deambulatório em torno dos conceitos e motivações que circundam esta exposição na intenção de desvelar camadas narrativas que continuam surgindo em torno deste projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Processo Criativo. Exposição. Memória. Entre-lugares. Errância.

ABSTRACT

The text proposes to revisit old ones and add new reflections around the processes of creating the exhibition "Antes do meu Primeiro Adeus", 2022, which took place at UNIVASF-Juazeiro-BA, as part of my course completion work for a Visual Arts Degree. The article, as the title suggests, is an ambulatory exercise around the concepts and motivations surrounding this exhibition with the intention of revealing narrative layers that continue to emerge around this project.

KEYWORDS

Creative Process. Exhibition. Memory. In-Between. Errantry.

1. Preciso Voltar e Rever ou Dois Anos Depois do Primeiro Adeus

Tenho constantemente sentido que a cada dia que passa, me vejo mais distante da minha antiga casa - seja lá o que, onde ou quem essa palavra/ideia representa

¹ Mestrando em Artes no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPE/UFBF), Centro de Artes e Comunicação (CAC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, Pernambuco PE, Brasil. E-mail: meandrosvisuais@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8045385960660549>



dentro da minha cabeça. Bem verdade, que antes dessa distância se alastrar e cruzar a geografia do Pernambuco desde o sertão até o litoral, ainda que existam os 678 km que separam o distrito rural de Vermelho, em Lagoa Grande-PE, a capital do estado, dentro de mim tem se estabelecido medidas turvas de aferir distâncias e que assumo que por hora não consigo definir com precisão, mas sigo com esse sentimento inquieto.

O horizonte, em contrapartida à distância da casa, parece cada vez menor, a luz nos olhos tem agido de uma maneira diferente. Nesse novo endereço me parece que as cores não espocam e que os problemas básicos de viver nessa cidade, que ainda não sei, constantemente me lembram que eu não sou daqui. Em dado momento no romance "A hora da Estrela" a autora Clarice Lispector aponta que:

"Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. (...) E agora só quereria ter o que eu tivesse sido e não fui" (Lispector, 1998, p.30).

Embora em partes discordo, já que tenho sido constantemente cobrado ao fazer -em diversos sentidos- nesse mundo, ainda assim insisto em seguir registrando sobre esse sentimento de não ter mais lugar, de estar cansado e sobre o anseio de voltar a ser alguma coisa que um dia acreditei ter sido. Ou seja, ainda que se opondo em partes, a gente se entende. E é nesse contexto de agora -uma nova migração em curso a qual vem me causando constantes inquietações- que venho assuntar sobre o processo de construção poética da exposição "Antes do meu primeiro adeus" (Siqueira, 2022), a qual foi componente do meu trabalho de conclusão de curso² de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF/Juazeiro-BA em 2022.

A Exposição, apresentada na Imagem 1, teve sua montagem realizada no espaço do Laboratório de Desenho Cartes-UNIVASF/Juazeiro-BA, onde foi composta por quatorze pinturas a óleo, dois diários de artista e um texto curatorial escrito pela artista visual e curadora independente Letícia Barbosa³. O processo de construção



dessas obras se deu no período final do distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19, onde o receio aos abraços ainda era visível e um misto de esperança e revolta começava a romper a dor das milhares de perdas e o medo aos encontros. Durante o meu processo de travessia do contexto pandêmico voltei à prática de rememorar as histórias da minha família materna, estabelecendo relações de mediação através de diálogos facilitadores. Partindo da leitura dos álbuns de fotografias dos meus avós, pais, tios e primos passei a refletir sobre como narrativas de adeus, migração, errância, romarias, fé e morte tomavam para si, nas memórias dos meus familiares, um lugar de muito protagonismo, assim como também levantei a questão de qual era o meu papel - se existente - enquanto testemunha e ser vivente daquele determinado contexto.



Imagem 1. Registro da abertura da exposição “Antes do meu primeiro adeus”, Laboratório de Desenho Cartes/UNIVASF- Juazeiro-BA, 2022, Fotografia: Luiz Severino

Esse questionamento me fez pensar com certa obsessão sobre o verso de uma fotografia impressa em papel ofício, que na exposição aparece enquanto elemento que compõe o díptico “Voto III” (2022), apresentado na Imagem 2, juntamente com uma pintura a óleo e um terço sem cruz. Ainda que a fotografia trate de um registro familiar, o que me interessava naquele momento era o que acontecia por trás dela, a qual “apresenta um texto escrito pela minha mãe em 2012, -onde- ela se despede



de mim e declara seu amor, momentos antes da minha partida para viver em outro estado”(Siqueira, 2022, p.18). A conexão que estabeleci em relação a esse escrito me fez considerar os sentimentos que mobilizam momentos antes de uma partida anunciada e na vida e processos de metamorfose do sujeito pós migração.



Imagem 2. Voto III, 2022, Pintura a óleo, Fotografia e Terço, Dimensões Variadas.

2. Rotas de Criação ou Espaços da Memória

Ao revisitar o Memorial Descritivo, homônimo à exposição, onde está documentado as proposições levantadas na época da construção dos trabalhos que a compõem, sigo corroborando com o pensamento de Fayga Ostrower em seu célebre livro “Criatividade e Processos de Criação”. Nele a autora assinala que “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural dele” (Ostrower, 2014, p.8), ou seja, as casas que morei durante a minha vida até agora; os dias fofocando na calçada; as noites que assistia as pegadinhas do Silvio Santos com meu avô; os acúmulos da casa da minha mãe e todas outras eteceteras existentes que alicerçaram o meu fazer criativo. Ideia essa também corroborada por Manoel de Barros, pois em seu livro “Matéria de Poesia” ele aponta que “Cada coisa ordinária é um elemento de estima. Cada coisa sem préstimo tem seu lugar na poesia ou na



geral” (Barros, 2019, p. 9), logo o fazer criativo está intrinsecamente ligado até com as camadas que julgamos mais finas da própria vida.

Associado a isso, outro elemento que sigo compreendendo enquanto importante para a construção da exposição, é o conceito de memória proposto pela pesquisadora Ecléa Bosi no livro “Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos”. Nele a autora aponta que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações” (Bosi, 1994, p. 46).

Logo não se trata de uma retratação de maneira fidedigna dos eventos anteriores ou sequer o estabelecimento de um contato linear e conclusivo, mas enquanto rotas possíveis de conexão com o passado e assim mediar nossas leituras de mundo. Durante a abertura da exposição, apresentada na Imagem 3, o público foi convidado a adentrar em um espaço, onde as obras propunham uma reflexão autobiográfica aliada a este conceito de memória.

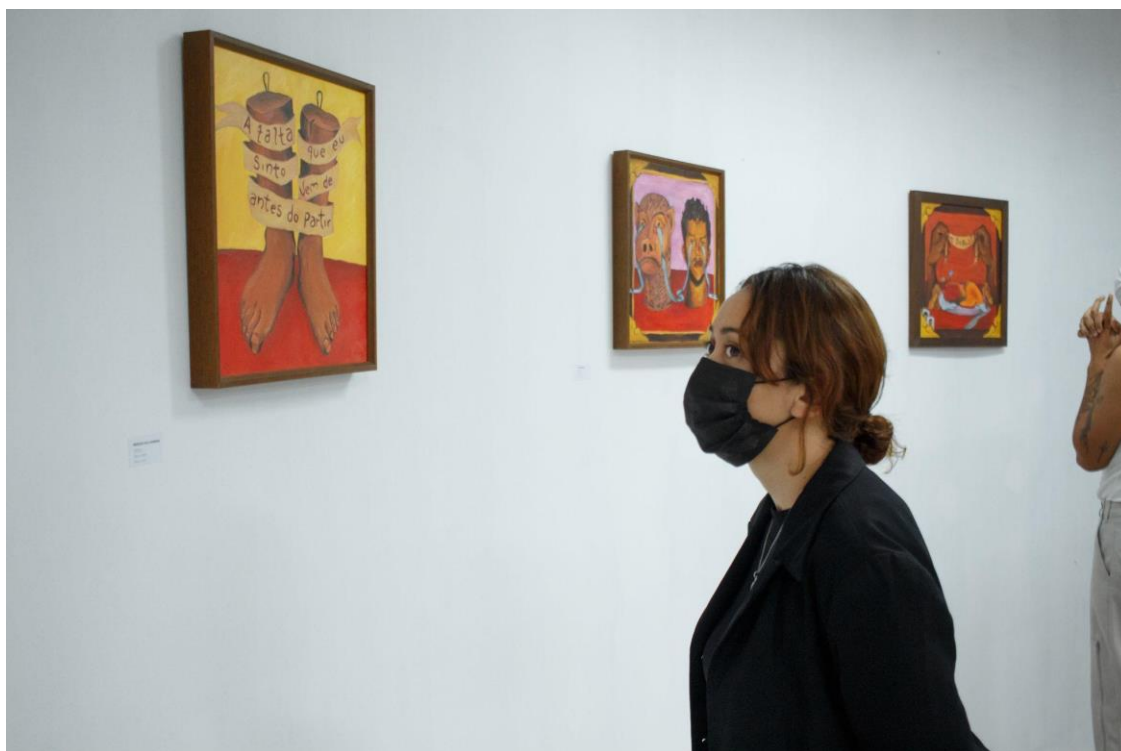


Imagem 3. Registro da abertura da exposição “Antes do meu primeiro adeus”, Laboratório de Desenho Cartes/UNIVASF- Juazeiro-BA, 2022, Fotografia: Anamaue



Desta maneira o processo criativo de concepção das imagens que estiveram presentes na exposição se deram pela busca de diálogos críticos/criativos/poéticos com essa concepção de memória que leva em consideração até onde a ponta dos meus dedos alcançam me permitindo acessar camadas das narrativas sedimentadas nos espaço em que vivi; como quem alinhava uma colcha de retalhos e não vislumbra seu fim ou tão pouco premedita qual será o próximo pedaço de tecido a ser costurado, o processo guia; como quem ensaia o passo para adentrar em um labirinto repleto de vozes (que bradam a respeito do cotidiano e sussurram segredos), os muitos caminhos confundem os olhos, os sons propõem uma nova paisagem, sigo atravessando em um exercício de compreensão do percurso enquanto um aspecto de entendimento da memória.

Ao pensar os percursos da memória, durante a escrita do trabalho de conclusão de curso, ficou evidente uma preocupação que me era urgente e desconcertante:

"De quando em quando, me pego refletindo sobre as memórias da (..) família, por vezes até, fico cabisbaixo ao perceber que as histórias que acesso não vão muito longe na linha do tempo, chegando apenas a poucas informações sobre meus bisavôs maternos (nomes, algumas poucas fotografias e especulações sobre seus respectivos trabalhos). Parece uma postura radical, mas ao realizar esse exercício sempre me deparo com a conclusão de que a sociedade se organiza de uma maneira a corroborar para que classes populares esqueçam profundamente suas histórias" (Siqueira, 2022, p. 13).

Todos os trabalhos beberam um pouco deste desassossego em que, o esquecimento se propunha enquanto um movimento dado como natural para os grupos socialmente subalternizados, tocando até na relação que estabeleci com a técnica empregada na construção das obras:

"Faço uso da técnica da pintura a óleo para narrar parte dessas histórias, que para mim, que cresci em meio delas, extrapolam os álbuns de fotografia. Com a pretensão de que estes trabalhos rompam os limites do alcance da minha voz e continuem a narrar da minha gente" (Siqueira, 2022, p. 19).

Enquanto estratégia de apreensão das narrativas familiares para integrar os meus processos de construção criativa em arte, apropriei-me principalmente dos arquivos



fotográficos presentes nos álbuns; dos registros sejam desenhos ou escritos partindo da observação do cotidiano - principalmente na casa da minha vó; da construção de novas fotografias; coleta de objetos; e de como eu me sentia ao estar mergulhado nesse contexto.

Sobre essa prática, o pesquisador Marcos Campos (2013) apoiado no pensamento da obra “O local da cultura” de Homi Bhabha (2003) discorre sobre o processo de construção das narrativas contemporâneas pelos artistas, partindo de suas experiências individuais onde “os sujeitos gritarão a partir de “entre-lugares”, “nos excedentes da soma das partes das diferenças”. (Bhabha, 2003, p. 20 apud Campos, 2013, p. 48). Os “entre-lugares” apresentados por Bhabha partem dos espaços de intimidade, como diários, a casa, o quarto e a cama. Onde esses micro-territórios passam a ser incorporados pelos artistas quando eles partilham suas experiências pessoais para pensar o coletivo.

Os diálogos em torno da memória e dos “entre-lugares”, se fazem presente em todo o corpo da exposição “Antes do meu primeiro adeus”, porém enquanto exemplo podemos observar a obra “Voto V” (2022) na Imagem 4. Ela é composta por uma pintura a óleo e duas esculturas em madeira. Neste trabalho proponho uma conversa tanto de um registro fotográfico presente no álbum da minha família, quanto de objetos que evocam lembranças das romarias que eu fui, junto aos meus parentes, por diversas vezes ao Juazeiro do Norte-CE. No qual assumo o caráter não linear e inventivo da memória proposto por Bosi (1994), já que compreendo que a impossibilidade de narrar todas as duas memórias em totalidade mas, consigo relacioná-las; e das proposições apresentadas por Bhabha (2003) apropriando-me dos “entre-lugares” enquanto elemento instrumentalizador da construção poética das obras.



Imagem 4. "Voto V", 2022, Pintura a Óleo e esculturas em madeira, 70cm X 100cm.

3. Jogo dos Sete Erros ou Sinto: Continuo Errando

Retornar a refletir sobre os processos que envolveram a construção da exposição "Antes do meu Primeiro Adeus", me faz pensar no planejamento estratégico que desenvolvi para a escolha do que veio a ser o acompanhamento curatorial. Como em um programa de performance, estabeleci categorias que me eram indispensáveis naquele momento, que foram: ser um(a) curador(a) que desenvolve uma pesquisa artística em um debate distante do qual eu estava propondo; ser um(a) curador(a) o(a) qual tivesse realizado(a) uma migração, especificamente de alguma região interiorana em direção a um grande centro urbano; ser nordestino(a) e ainda estabelecer uma parceria compreendendo que o projeto não dispunha de incentivos financeiros. Para minha felicidade, no primeiro convite obtive uma resposta positiva.

E levando isto em consideração, consigo compreender que a categoria dos fenômenos que envolvem o sujeito estrangeiro/migrante/errante ocupava um lugar de destaque não apenas dentro dos discursos familiares, mas como também visava



um diálogo que a experiência da migração territorial fosse um interlocutor comum e presente. Onde, no caso dos acompanhamentos curatoriais, diversas foram às vezes em que as reuniões se tornaram diálogos -infinitos- sobre nossas experiências migratórias. Hoje, vivendo nesse lugar que chamam de capital, consigo estabelecer proximidades entre o desejo que circundava o pensamento durante a construção até a abertura da exposição (Imagem 5) em diálogo com as reflexões elaboradas por André Severo em seu livro “A consciência errante”, onde ao vivenciar a prática da deriva, migração, transitoriedade, errância dentro das próprias dinâmicas artísticas o autor/artista construiu para si uma situação limite/catártica a qual busca tecer considerações, onde:

“Sem paradeiro determinado e em constantes desvios, caminhamos para além do demarcável e, na tentativa de nos tornarmos abertura, de abandonarmos determinações concretas, de não nos deixarmos aprisionar por pretensões imanentistas, experimentamos as circunstâncias de uma desorganização, de um desgarramento do pensamento lógico ou racionalizado que, em face das várias e diversas situações em que diariamente nos encontramos, inevitavelmente transforma nosso comportamento e invade os sentimentos ou conhecimentos que nos permitem vivenciar, experimentar ou compreender alguns dos aspectos ônticos de nossa existência contraditória” (Severo, 2004, p. 20).



Imagem 5. Registro da abertura da exposição “Antes do meu primeiro adeus”, Laboratório de Desenho Cartes/UNIVASF- Juazeiro-BA, 2022, Fotografia: Anamaue

Com isso, hoje consigo compreender que no período de construção das obras ainda que não operasse conscientemente dentro dessa proposta de assumir o caráter experimental da errância na minha produção, hoje sou capaz de notar diversos momentos em que durante o percurso de feitura das obras ou da escrita do memorial descritivo, em que me senti perdido, sem rumo ou sem ter um lugar para voltar.

É perceptível a ideia de um pensamento errante de maneira bastante evidente nos trabalhos que se propunham enquanto autorretratos, figurados aqui enquanto exemplo, na Imagem 6, pela obra “O Baitola” (2021). Neste conjunto de trabalhos propus uma espécie de jogo onde me fosse possível elaborar novas metáforas sobre a minha experiência até aquele momento de me sentir sobrando no mundo e que ainda preservava em si mesmos os segredos da perdição.



Imagem 6. O Baitola, 2021, Pintura a Óleo, 50cm X 60cm.

Não apenas neste conjunto, mas em toda a exposição a relação dos processos enviesados pela experiência de vida pós migração, estabelecem caminhos fundantes para a constelação conceitual que se propunha a guiar o projeto. Construindo uma lente específica às reflexões da memória, na relação com os entre-territórios e com o meu processo criador.

4. Considerações Finais ou Insisto em Ser Algo que Parte

Enquanto retornava os sentidos para pensar os aspectos que atravessaram os processos de criação da exposição “Antes do meu Primeiro Adeus”, após essa curta distância de dois anos, senti inicialmente que seria um erro; mas ao fazer esse exercício sinto que estou avançando na montagem de um complexo quebra-cabeças que me demanda tempo e presença, mesmo que atualmente sinta que não é possível chegar em uma resolução e sim que ele segue se expandindo enquanto um organismo vivo.



Pensar o adeus, ou o momento antes a ele, ou até mesmo a vida depois desse rito é se colocar mediante a reflexão sobre a efemeridade que circunda a experiência de vida, desde o primeiro suspiro ao último. Invariavelmente, dizer adeus em vida, é uma espécie de ensaio sobre os diversos fins que atravessamos.

Dois anos depois de ter construído este projeto sigo me perguntando se existe, ou, se um dia existiu um território que me fizesse sentir que sou pertencente a algum lugar do mundo. Será necessário seguir refletindo e criando em torno dessa experiência de errância, sendo afetado pelas transformações inesperadas da vida.

Mas quem sabe um dia eu consiga me sentir pertencente a algum novo lugar, quem sabe isso já tenha acontecido e distraído, tenha perdido a chance de fincar raízes; quem sabe se esse lugar que sigo alimentando tanta estima foi de fato um dia meu...

Não sei se existiu.

Referências

BARROS, Manoel de, **Matéria de poesia / Manoel de Barros**. — 1^a ed. — Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos** (3a ed). São Paulo: Companhia das Letras.

CAMPOS, Marcelo. **Corpo narrativo: um lugar que me atravessa**. REVISTA POIÉSIS, v. 14, n. 21-22, p. 45-52, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/24712/14353> . Acesso em: 28 de abril 2024

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco; 1^a edição, 1998.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação / Fayga Ostrower** - 30. ed. - Petrópolis: Vozes, 2014.

SEVERO, André. **Consciência errante**. São Paulo: Escrituras, 2004.

SIQUEIRA, Alisson Clebson Nogueira. **Antes do meu primeiro adeus**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Artes Visuais) -Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro-BA, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.univasf.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php> . Acesso em: 26 de abril 2024

Notas



² O memorial descritivo intitulado “Antes do meu primeiro adeus”, está disponível na plataforma Pergamum UNIVASF, através do link: <https://biblioteca.univasf.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>

³ Leticia Barbosa é natural de Carnaíba (PE). Vive e Trabalha em Recife, Pernambuco, Brasil. Performer, pesquisadora e Curadora Independente. Graduada em Direito pela Unicap (2013), frequentou o Mestrado em Direitos Humanos na UFPE (2016-2017). Informações retiradas do site: <https://extrato.art/leticia-barbosa>